Boletim Operário 324

Caxias do Sul, 13 de fevereiro de 2015.

O Paiz
Rio de Janeiro
02 de dezembro de 1890.

Greve

Um boato pérfido, necessariamente inventado e espalhado por especuladores que visam não sabemos que interesse, contribuiu para aumentar, ontem as preocupações que pesam sobre o espirito público.

Garantiram que a Intendência Municipal elaborara um Código de Postura, que vai ser proximamente aprovado, impondo multar onerosíssimas e penas de uma severidade excepcional aos carroceiros e condutores de carros, responsáveis por qualquer acidente de que forem vitimas os transeuntes.

Entre as medidas mais vexatórias apontam a obrigação de ser o carroceiro ou condutor obrigado a cuidar da manutenção e tratamento das suas vitimas, enquanto durar a enfermidade que o desastre acarretou, e a pena de trinta anos de prisão por morte ou ferimento grave.

A falsidade grosseira de semelhante exploração é evidentíssima; mas apesar disto o embuste não deixou de produzir efeito, concitando os interessados a um movimento de cólera, que perturbou ontem a tranquilidade desta capital.

Aceitando como verdade a mentira murmurada pelo anônimo, a maior parte dos carroceiros e condutores de carros fez greve, interrompendo completamente o trabalho e ameaçando de coagir pela violência os companheiros que não aderiram logo a resolução da classe.

Ainda mais, pretenderam que a greve fosse extensiva aos condutores de bonds e tentaram arrancar os trilhos, para que assim se tornasse impossível o trânsito dos carris urbanos.

A autoridade competente providenciou log, como era de esperar, no intuito de garantir a ordem ameaçada pela reação de uma classe numerosa, explorada na sua boa fé, e justamente inquieta pela sua sorte.

Narramos em outro lugar às ocorrências que resultaram deste boato.

O nosso propósito, aqui, é repetir a declaração formal, que a Intendência nos autorizou a publicar, de que é completamente falso o que insinuaram acerca das disposições vexatórias desse código de postura; que os carroceiros e condutores de carros são vitimas de uma burla sem nome e que, convencidos da mentira, como talvez já estejam agora, devem voltar ao seu trabalho, certos de que foi explorada a sua credulidade.

Esta é a verdade incontestável sobre o movimento de ontem; e indignos seriamos de nossa missão se não protestássemos contra essas intenções anárquicas que vão recrutar servidores crédulos na classe de homens trabalhadores, obrigando-os a reações sem motivo, e a protestos sem razão de ser.

Não precisamos saber, para condenar os autores desses boatos, o desejo que os inspira. Seja qual for à ideia é malfaze-a, a intenção é criminosa.

E contra esta exploração devem se voltar antes de qualquer os explorados, por que a eles, principalmente, a falsidade prejudicou, roubando-lhes já um dia de trabalho e expondo-os a todos os perigos que pudessem resultar da sua cólera.

Conhecemos que tinham o direito de se inquietar com a aleivosia; mas caso fosse verdadeiro o boato, o que absolutamente não é, a reação não traria a mínima vantagem; há recursos mais brandos e mais eficazes;

Dado o caso de ser vitima de qualquer injustiça a classe que hoje revoltasse contra uma coisa que não existe, a imprensa não esqueceria o seu papel.

Hoje lhe lembra calma, afirmando-lhe que os seus interesses não estão em perigo; a sinceridade que vota ao bem estar dessas classes trabalhadoras não se pode traduzir melhor do que neste conselho amigo.

Noticiário

O ministério esteve ontem reunido em conferência no Palácio Itamarati, sob a presidência do generalíssimo Deodoro.

Dois assuntos foram ali discutidos: o violento atentado praticado ao escritório e oficinas da Tribuna e as medidas que se fazem necessárias pela greve dos cocheiros.

Quanto ao primeiro ponto, o governo, compenetrado do seu dever e das verdadeiras doutrinas do regime democrático resolveu, com inteiro apoio do generalíssimo, proceder com máximo rigor contra os culpados do atentado a Tribuna, mantendo ao mesmo tempo, como convém, a inteira liberdade de imprensa.

No que diz respeito a greve, o governo deliberou manter a ordem público, convencendo aos cocheiros, pelos agentes de sua autoridade, de que nenhuma medida foi tomada contra os seus direitos.

A essa conferência, que começou ao meio-dia e concluiu as 5 ½ da tarde, foram chamados o Doutor Chefe de Polícia, ajudante-general do exército e comandante do corpo de bombeiros.

Ainda a respeito, o Diário Oficial publicará hoje a seguinte declaração:

"O ministério reuniu-se ontem em conferência extraordinária sob a presidência do Senhor generalíssimo Chefe do Governo Provisório. Com pleno acordo de vistas e perfeita uniformidade de sentimentos, foram discutidas e apreciadas as ocorrências que estão no domínio público. Adotadas deliberações que pareceram acertadas e imprescindíveis, o governo pode afirmar que a ordem pública será garantida e que serão asseguradas todas as liberdades dentro do regime da lei".

A Greve

O que se passou ontem em toda esta capital ninguém o compreendeu, porque, como nós, ninguém descobriu a verdadeira origem do estado anormal em que pouco e pouco se foi transformando a cidade, em que pouco e pouco se foi transformando a cidade, em que pouco e pouco se foram alterando, os hábitos da população, superexcitada sem que ela mesma pudesse dizer que força estranha a impelia ao receio e ao susto.

Dir-se-ia que mão oculta atuava pesada e irresistível no ânimo e no espirito dos nossos concidadãos, de ordinário afeitos a tranquilidade e a calma, ainda nos momentos mais difíceis.

O pretexto a princípio invocado, para todo o estado de incerteza, para todo o sobressalto público de que se tomou a Capital Federal, foi a greve anunciada logo pela manhã entre os carroceiros e cocheiros dos veículos públicos.

Com efeito, o Senhor Doutor Chefe de Polícia interino foi prevenido na noite de anteontem de que esses bons trabalhadores de todos os dias não se entregaram ontem ao serviço profissional, porque não queriam sujeitar-se as penas severas que a Intendência havia-lhes cominado para o caso de possíveis desastres.

Esse boato, espalhado com a maior perfídia e com a maior ausência de patriotismo entre os incautos e desprevenidos cocheiros, levou-os, com efeito, a suspensão do trabalho, o que criou desde logo dificuldades a todas as classes sociais e ao comércio principalmente.

Mas o boato não passava de um estratagema indigno, criado nas trevas por inimigos da pátria, que nem mesmo mediram as consequências da ignominia, iludindo aos cocheiros e exacerbando o espirito público, já tomado de prevenção pelo atentado condenável dois dias antes perpetrado com um órgão de imprensa.

Sem que tivessem lido, sem que tivessem examinado os seus interesses e os seus direitos, convencidos de que ia pesar sobre suas pessoas um rigor máximo, que nunca poderia se coadunar com o regime da justiça inaugurado pelo domínio da república, os cocheiros, as vítimas dessa fantasiosa invenção, tornaram-se o alvo de todas as atenções e, sem o querer, a fonte anormal a que se reduziu a cidade toda.

Nenhuma culpa lhe podemos increpar, porque, com justiça, não os supomos mais do que as vitimas incautas daqueles que abusaram de sua boa fé.

As suspensões do trabalho seguiram-se como era natural, o atropelo nos serviços das ruas, a ansiedade, as interrogações sôfregas, a interrupção de todo o giro comercial, os pequenos conflitos aqui e ali, os exageros dos espíritos despreocupados e pouco refletidos, que afinal foram a maior contribuição para quanto presenciamos ontem.

O Senhor Doutor Chefe de Polícia interviu desde logo com a sua autoridade, procurando acalmar os ânimos pela persuasão da verdade.

Os seus primeiros esforços, entretanto, foram baldados, porque a greve manifestou-se, como já dissemos.

A polícia subordinada, a polícia das ruas, devemos dizê-lo, não secundou em alguns pontos os intuitos da autoridade superior e as vistas do governo, porque, longe de chamar a calma os cocheiros, tratou-os de modo pouco conveniente, usando dos sabres que lhes foi dado como instrumento de defesa.

O fato é que o acontecimento da manhã que devia dissipar-se passageiramente foi engrossando mais e mais, criando receios e enchendo a cidade de verdadeiro pânico.

Não precisamos dizer que, em emergência tal, o nosso dever será cumprido com o maior escrúpulo e de acordo com a justiça e os direitos das classes que por ventura se vejam oprimidos.
Ontem como hoje é a mesma a nossa posição de independência e lealdade perante a sociedade que nos prestigia e nos dá essa força necessária a sua própria defesa nos momentos de angústia e de provações.
Aconselhando aos cocheiros a calma e a reflexão, podemos garantir-lhes com a sinceridade de folha que sempre se encontrou ao lado dos fracos, que a Intendência Municipal não tomou nenhuma medida opressiva e rigorosa a seu respeito.
O próprio código penal, elaborado pelo Ministério da Justiça em outubro último, apenas estabeleceu, de acordo com o antigo Código Criminal, as penas de 2 meses a 2 anos de prisão para os cocheiros criminosos por imperícia, ou por imprudência.
Não se trata, portanto, de nenhuma inovação, mas de uma pena antiga, que não poderia ser riscada do Código, sob cuja ação todos os que tiveram a infelicidade de cair em delito.
Do que dizemos nestas linhas, da testemunho o edital que a Intendência fez afixar ontem mesmo, prevenindo aos cocheiros de que nem ela nem o governo cogitaram da deliberação que maldade maquinou nas trevas, para chegar a fins inconfessáveis.
Vivemos num regime de ampla liberdade, e o governo da república, dando o exemplo da moderação e do critério, não permitiria medidas de violência aos direitos de uma classe operosa, que trabalha infatigável pelo progresso e engrandecimento comum.
Assim, voltem os cocheiros ao trabalho, seguros de que foram iludidos em sua boa fé e certos de que esta imprensa, que nunca regateou a sua força e a sua palavra sincera, estará ao seu lado para bater-se pelo respeito do quanto for justo e de direito.
O governo cumprirá certamente o seu dever, e ante o que dissemos reiterará a polícia das ruas a obrigação que esta de convencer pela força da palavra persuasiva, mas não pela força do sabre que espanca com desobediência as recomendações que lhe tem sido expedidas.
Quanto ao resultado dos diversos conflitos que se deram por motivo do que aí ficou relatado, não há muita coisa verdadeiramente importante que notar.
Houve, é verdade, cacetadas e espaldeiradas prodigamente distribuídas; mas os que foram alcançados por elas retiraram-se para suas casas, deixando a polícia de prontidão para mais. Os ferimentos havidos são quase todos leves, a exceção de alguma cabeça quebrada.
As ocorrências dadas podem ser assim resumidas:
Ao amanhecer, reuniram-se em frente aos escritórios das companhias de bonds quase todos os cocheiros desses veículos, que faziam parte de cada uma delas.
Começaram por impedir que os seus companheiros, que se tinham resolvido a trabalhar, pudesse fazer o seu serviço, tão regularmente como era necessário, e procuraram obriga-los a tomar parte na greve.
Da Companhia S. Cristóvão não foram muitos os cocheiros que se recusaram a fazer o serviço. Conseguiu o respectivo gerente dissuadi-los do seu propósito, graças às boas razões que apresentou. Os que não atenderam a esses motivos retiraram-se, mas não houve alteração da ordem, o que, com pequena diferença, também sucedeu na companhia de Botafogo e na Vila Isabel.
A Companhia Carris Urbanos, porém, sofreu bastante com a greve de ontem.
Quase todos os cocheiros abandonaram o serviço. Dos poucos bonds que saíram à rua muitos eram guiados pelos recebedores da companhia. Os vagons do transporte de mercadorias, e principalmente da condução do café, não trabalharam. Avalia-se por ali o grande prejuízo que ontem sofreu o comércio, além do mais que ainda lhe sucedeu.
Não houve carro de praça, tilbury, caminhão ou carroça que ontem saísse à rua para o costumado serviço. Os poucos veículos que apareceram eram todos particulares.
No largo do Paço, nas Ruas Conde d'Eu, Primeiro de Março, S. Pedro, Visconde de Itaúna, Senador Eusébio e Larga de S. Joaquim, e em algumas outras formaram-se desde pela manhã enormes grupos de curiosos e de cocheiros. Estes empregaram todos os esforços possíveis para que os seus companheiros que estavam trabalhando abandonassem o serviço, notadamente das companhias de bonds.
Na Rua Senador Eusébio houve diversos conflitos. Foram atacados alguns bonds da Companhia Vila Isabel, aos quais acudiram patrulhas de cavalaria do regimento policial.
A polícia, porém, nem sempre cumpriu corretamente o seu deve, já o dissemos. Na Rua Senador Eusébio, esquina da Travessa das Saudades, vimo-la espaldeirar barbaramente a um preso. Era, então, hora e meia da tarde.
O que se deu no Largo do Depósito também foi muitíssimo sério. Os carroceiros empregados dos Senhores Silva Carvalho & C. apresentaram-se pela madrugada aos seus patrões e participaram-lhes que estavam dispostos a não trabalhar.
Os carroceiros, então, deixaram-se ficar reunidos em frente a cocheira de propriedade daqueles senhores e dali por diante vaiaram quantos condutores de veículos particulares passaram.
Da 7ª e 9ª estação policial acudiram algumas praças ao barulho que faziam os grevistas colocados no Largo do Depósito. Antes não acudissem. Para distribuir pranchadas a torto e a direito, como o fizeram, a ponto de varejar o botequim nº 54 do referido largo, não havia, palavra de honra! Nenhuma necessidade da força do regimento policial.
O proprietário desse botequim sofreu não só prejuízo que lhe deram nos gêneros, como também algumas pranchadas que lhe deram nas costas.
Porque os carroceiros se defendessem de algumas espaldeiradas que apanharam travou-se nesse momento sério conflito. A ordem, porém, foi restabelecida pouco tempo depois.
O Senhor Doutor Lourenço Rangel, 4º Delegado, os Senhores Franklin Dutra, subdelegado do 1º Distrito de Santa Rita, Gusmão, subdelegado do 2º Distrito desta freguesia e Lagden, subdelegado do 2º Distrito de Santa Ana, compareceram pouco tempo depois e fizeram quanto lhes foi possível para que os cocheiros voltassem ao trabalho.
Chegou mais tarde uma força de cavalaria de polícia, que foi divididas em patrulhas e distribuídas pelas ruas próximas. Uma dessas patrulhas prendeu a dois indivíduos que não que não atenderam às ordens da autoridade.
Na Praça da República um grupo de cocheiros fez voltar para a cidade a uns dois ou três carros que levavam cargas para a estrada de ferro.
Por haver urgente necessidade de transportar alguns gêneros para o quartel do corpo de cavalaria do regimento policial e não aparecendo para esse fim, senão um carroceiro que receava ser agredido pelos seus companheiros, foi este acompanhado durante o trajeto que teve de fazer por quatro praças de cavalaria.
Durante todo o dia estiveram postadas praças de polícia nos pontos onde havia grupos de cocheiros.
As estações das companhias de bonde foram guardadas por soldados de cavalaria do regimento policial.
Como de ordinário sucede, o que por isso mesmo não é de estranhar, esses e outros soldados de cavalaria não se coibiram de passar a disparada por diversos pontos da cidade onde havia grupos de inofensivas pessoas. Por felicidade, porém, não nos consta que alguém tenha sido atropelado pelos zelosos mantenedores da ordem.
Outros conflitos se deram além dos que ai ficaram narrados.
As 7 horas da noite, um grupo de indivíduos que se intitulavam cocheiros, atacou a estação de bonds da Rua do Riachuelo. Foram, porém, repelidos pelos respectivos empregados.
Quando a polícia acudiu aos apitos de socorro, já o grupo se retirava sem ter conseguido seu intento. Entre outros indivíduos e as praças travou-se então um grande conflito, que durou por algum tempo. Trocaram-se pranchadas e tiros de revólver. Muitos dos cocheiros refugiaram-se na estalagem da mesma rua nº 69.
Nessa ocasião foram feridos:
Um soldado do 7º Batalhão de infantaria, que estava a paisana e que declarou ser ordenança do Coronel Rosa Junior, o qual recebeu diversos ferimentos de bala e outros da navalha nas pernas e mãos;
E um cabo do regimento policial, que recebeu um extenso golpe de navalha, desde a região temporal esquerda até um dos lados do nariz. Este ferimento interessou gravemente a artéria.
Ambos foram transportados para a polícia e medicados pelos Senhores Doutores Moraes Brito e Luiz Quadros. Depois seguiram para os hospitais dos respectivos corpos.
AS 9 horas a polícia prendeu, na Rua do Lavradio, três indivíduos que se disseram cocheiros da empresa de mudanças Coimbra, e que estavam colocando paralelepípedos sobre os trilhos de bond da mesma Rua em frente a Rua do Senado.

Das 9 ½ para as 10 chegou a polícia um aviso de que então se dava novo conflito na Rua de Riachuelo. Para ai seguiu imediatamente o subdelegado Doutor Braz da Silveira, acompanhado da necessária força.
Essa autoridade encontrou grande parte dos trilhos arrancados em frente a cocheira de carros da mesma rua nº 100. Informando-se do que sucedera soube Doutor Braz que isso havia sido feito por indivíduos que se tinham refugiado na mesma cocheira, onde se encontravam armados. Doutor Braz mandou então buscar outra força à polícia, por se pequena a que levara consigo e ali penetrou. Mas os tais indivíduos eram unicamente três e foram presos e conduzidos para o xadrez da polícia.
Também estiveram presentes, ao efetuar-se essa prisão, os Senhores General Bernardo Vasques e Doutor Agostinho Vidal, Chefe de polícia interino, que daí se dirigiram ao quartel general, onde conferenciaram com o Senhor General Floriano Peixoto.
A força do exército, de prontidão, e a do regimento policial estava sob as ordens do General Bernardo Vasques.
Ao Senhor Doutor Chefe de Polícia Interino apresentou-se a tarde o Senhor Conde de Herzberg, para participar-lhe que os cocheiros da empresa funerária receavam sair a rua, o que, entretanto, a empresa estava comprometida a fazer diversos enterros, o que era absolutamente inadiável. O Senhor Doutor Agostinho Vidal providenciou de modo a que os carros da empresa funerária fossem acompanhados por praças de polícia durante o trajeto para os diferentes cemitérios.
O Gerente da Companhia do Gás, ao ser avisado de que se pretendia assaltar o respectivo gasômetro, dirigiu-se ao Senhor Doutor Chefe de Polícia interino e obteve dele uma força de infantaria para guardar aquele estabelecimento.
Na Rua do Catete, um grupo de indivíduos que ali se tinham postado desde muito cedo, procurava impedir a passagem dos diferentes veículos. Outro grupo, na Rua Senador Euzébio, impedia a passagem de um dos bonds e conseguiu fazer virar um bond da Rua do Mattoso.
Na estação de S. Diogo não apareceu um único carroceiro para fazer o transporte de carne. Os açougueiros que ai se tinham reunido, cansado de esperar, resolveram retirar-se para suas casas. E por conseguinte muito provável que os açougues não sejam hoje fornecidos de semelhante gênero, a menos que os carroceiros se decidam a fazer o transporte da carne pela madrugada.
Para garantir a ordem estão de prontidão em S. Diogo uma força de cavalaria comandada pelo Major João Ignácio, auxiliado pelo Capitão Osório e pelo Tenente Portuense, e uma força de cavalaria do 9º Regimento, comandada por um alferes.
Os armazéns da Estação de S. Diogo, onde se depositou a carne ficaram, guardados durante a noite por uma força de cavalaria de polícia da parte de fora, e uma de infantaria no interior.
O gerente da empresa de transporte de carnes prometeu que a carne seria transportada para os açougues hoje, às 5 horas da manhã, e pediu ao Senhor Chefe de Polícia uma força para proteger os carroceiros que se encarregassem de semelhante serviço.
O Senhor Doutor Lopes Trovão, que a noite se apresentou na Praça General Osório, conseguiu dos carroceiros aí reunidos que eles se dispersassem, e aconselhou-os a voltar ao serviço por não haver nenhum motivo para semelhante greve.
E, realmente, repetimos não se compreende a razão por que se deram os acontecimentos de ontem, uma vez que nenhuma deliberação do governo ou da Intendência foram publicada que atentasse ou não contra a liberdade dos cocheiros de veículos.
Os diretores das companhias de bonds e de muitas das diversas empresas de transportes estiveram durante o dia em conferência com o Senhor Doutor Chefe de Polícia interino.
Quase a noite, a Companhia Carris Urbanos foi obrigado a recolher alguns dos carros que faziam o serviço das suas diversas linhas. E aliás ontem não houve linha de bonds que funcionasse regularmente.
O comércio da capital, e especialmente o da Rua do Ouvidor e Largo de S. Francisco de Paula, quase não funcionou ontem, tendo tido necessidade de mais de uma vez fechar as suas portas.
O Senhores Ministros da Marinha e da Guerra, cercados sempre de distintos oficiais do exército e da armada, conservaram-se, aquele no arsenal e este no quartel-general até tarde da noite.
O edital mandado fixar em todas as Ruas pela Intendência Municipal e assinado pelo respectivo presidente, "faz público, para conhecimento dos interessados, que até a presente data nenhuma resolução foi adotada pelo mesmo conselho relativamente a condutores de veículos de qualquer espécie, em trafego nesta cidade; e que o governo, a quem consultara, declarou não ter havido sobre tal objeto media ou providência alguma".
O Doutro Agostinha Vidal por motivo desses conflitos expediu aos Subdelegados a seguinte circular:
"Havendo motivos para recear-se perturbação da ordem público por parte de condutores de carroças e cocheiros que se recusam a trabalhar, recomendo-vos que envideis todo esforço possível e empregueis a máxima vigilância e atividade a fim de que seja mantida inteiramente a ordem pública. Confiando plenamente no vosso reconhecido patriotismo e dedicação à causa pública, espero de vossa parte o mais eficaz auxilio para que sejam neutralizadas quaisquer malévolos intuitos, evitando-se assim possíveis consequências desagradáveis".
Para manutenção da ordem pública os Ministros da Justiça, Marinha e Guerra tomaram todas as providências. Uma força de 75 praças do batalhão naval reforçou a guarda do arsenal, ao mando de um oficial.
As rondas das ruas foram dobradas pela polícia de cavalaria e infantaria; as estações estiveram com reforço.
O corpo de bombeiros foi posto de prontidão e o mesmo aconteceu aos batalhões de linha.
Narrando fielmente os acontecimentos de ontem, fazemos por último um apelo as classes laboriosas desta capital, concitando-as ao trabalho, que deve recomeçar inspirado na calma de quem tem, sob todos os pontos de vista, a segurança de seus direitos e a garantia certa e eficaz de um governo justo e moderado e de uma imprensa que não mentira aos seus créditos.